

COINCIDÊNCIAS DE UMA DIREÇÃO DIVINA

A relação entre os missionários E. Nelson, G. Vingren e D. Berg e a origem da Missão da Fé Apostólica em Belém do Pará

A COINCIDENCES DIVINE DIRECTION

The relationship between the missionaries E. Nelson, G. Vingren and D. Berg and the origin of the Apostolic Faith Mission in Belém of Pará

*Alonso S. Gonçalves**

Resumo

O artigo pretende abordar a vinda dos principais fundadores de duas importantes igrejas em Belém do Pará, a Primeira Igreja Batista em Belém do Pará e a Igreja Assembleia de Deus em Belém do Pará. Ambas foram iniciadas por missionários de origem sueca sendo que esses missionários possuem a mesma experiência religiosa em seu país de origem, a Suécia. A hipótese desse artigo é articular uma possibilidade de que os missionários E. Nelson, D. Berg e G. Vingren poderia não se conhecer pessoalmente, mas sabiam da vinda desse primeiro para Belém do Pará. Mesmo que a memória de ambas as igrejas reivindicuem *direção divina* na fundação e organização das igrejas, a questão econômica, cultural e social não pode ser ignorada.

Palavras-chave

Protestantismo de missão; Pentecostalismo; Missões; Belém do Pará.

Abstract

The article aims to address the coming of the main founders of two major churches in Belém do Pará, the First Baptist Church in Belem and the Assembly of God Church in Belém do Pará Both were started by missionaries of Swedish origin and these missionaries have the same religious experience in your home country, Sweden. The hypothesis of this paper is to articulate a possibility that E. missionaries Nelson, D. Berg and G. Vingren could not know personally, but knew of the coming of the first to Belém do Pará Even though the memory of

* Mestrando em Ciências da Religião (UMESP); Licenciado em Filosofia (ICSH); Pastor na Igreja Batista Central em Pariquera-Açu/SP; E-mail: alonso3134@hotmail.com

both churches claim divine guidance in the founding and organization of churches, economic, cultural and social issues can not be ignored.

Keywords

Protestant mission; Pentecostalism; Missions; Belém do Pará

Considerações iniciais

Uma das maiores denominações pentecostais do Brasil comemorou recentemente cem anos no país. As homenagens foram diversas incluindo uma sessão solene na Câmara dos Deputados em Brasília/DF para lembrar a chegada dos dois missionários suecos, Gunnar Adolf Vingren e Daniel Berg, em Belém do Pará.

É fato que as Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus são detentora de um número expressivo de adeptos e os últimos censos do IBGE demonstram isso. Ao mesmo tempo em que tem uma quantidade significativa de pessoas como membros, como denominação sofre, como todo movimento político, de pressões e disputas pelo poder. Como é o caso dos pastores José Wellington e Samuel Câmara que vem, algum tempo, disputando voto a voto à direção geral da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB) tendo como um dos capítulos em 2013 ações judiciais.

Não obstante a isso, o que proponho fazer é procurar demonstrar, a partir de fontes bibliográficas, que a escolha de Belém do Pará pelos missionários suecos teve como fatores o momento histórico e econômico muito específico de Belém do Pará na mudança do século 19 para o 20 e o conhecimento prévio sobre o então fundador da Primeira Igreja Batista em Belém do Pará (PIBB) Eurico Alfredo Nelson que também era de origem sueca.

Ocorre que ambas as igrejas, Assembleia de Deus em Belém e Primeira Igreja Batista em Belém do Pará, reivindicam, o que é natural como fenômeno espiritual, à *direção divina* para a origem e implantação dessas igrejas em território paraense. Em nenhum momento há uma ligação entre as duas, por conta do passado que as tornam de alguma maneira, exclusivas. Cada uma trabalha com o seu “mito fundador” como algo *original* e plenamente divino.

Uma análise sociológica se torna interessante para demonstrar as semelhanças e coincidências entre as duas igrejas no sentido de construir um paralelo entre os dois

movimentos na capital do Pará a partir de alguns fatores como economia da cidade de Belém do Pará, bem como sua política imigratória e questões sociais que naturalmente engloba a religião no cotidiano de uma cidade.

O relato de cada igreja – Assembleia de Deus em Belém do Pará e Primeira Igreja Batista em Belém do Pará –, irá demonstrar o quanto cada uma trabalha com o seu personagem fundador sem macular a imagem deles por razões de que os pioneiros são dotados de uma experiência religiosa e, a partir dela, tiveram a *direção divina* para Belém do Pará. M. Weber (WACH, 1990, p. 404ss) introduziu o termo “carisma” para tratar do exercício de autoridade que um “carismático” possa ter sobre outros. Se tratando dos missionários pioneiros em Belém, acredita-se que eles tiveram uma experiência de *revelação* da parte de Deus e, por este fato, possuem uma intimidade com a divindade conferindo a eles certos poderes sobrenaturais para a execução da obra missionária.

A primeira abordagem será a *Nossa História* narrada nos *sites* de ambas às igrejas, mostrando os aspectos divinos em detrimento dos sociais e políticos. Num segundo momento as coincidências que favorecem uma ligação entre as duas igrejas antes da chegada dos missionários pioneiros. A perspectiva aqui será a tentativa de demonstrar as semelhanças e os fatores que possibilitaram a vinda dos missionários e o surgimento da então Missão da Fé Apostólica que apenas em 1918 passou a ser chamada de Assembleia de Deus.

1. A história das duas igrejas e seus personagens fundadores

A apresentação de ambas as igrejas e de seus líderes fundadores, E. Nelson, G. Vingren e D. Berg que se seguem, foram retiradas do *site* de ambas as igrejas. No decorrer da narrativa (em *itálico*) irei tecer algumas observações. A princípio, as apresentações reivindicam originalidade e *direção divina* e, ao mesmo tempo, ignora os fatos que tornaram essas duas igrejas conhecidas e ligadas na história.

A Primeira Igreja Batista em Belém do Pará.¹

Nossa História

A Primeira Igreja Batista do Pará é a primeira igreja evangélica da Amazônia.

A primeira frase é propositiva e lacônica no sentido de não haver nenhuma possibilidade de dúvida quanto à inserção do protestantismo no Norte do país.

¹ Disponível em: <<http://pibpa.org.br/conteudo-dp58?layout=item>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

O trabalho batista na Amazônia foi iniciado em 1891 pelo missionário Eurico Alfredo Nelson, numa luta de cinco anos que se constituiu no primeiro passo de sua obra missionária na região, vindo a organizar nossa igreja em 02 de fevereiro de 1897 com sede na estrada Generalíssimo Deodoro 57-B.

Mas quem era Eurico Nelson?

A importância em definir a *biografia* de E. Nelson é fundamental. Seguindo Wach (1990, p. 411), o fundador de um movimento religioso precisa, necessariamente, ter um *chamado*, do contrário não é possível associar a mensagem com a personalidade do seu proclamador, dificultando o sucesso da missão.

Eurico Alfredo Nelson, sueco de nascimento, porém desde os 7 anos de idade nos Estados Unidos, o homem escolhido por Deus para plantar no solo fértil da Amazônia a semente do evangelho de Jesus Cristo. Sua chegada a Belém se deu no dia 19 de novembro de 1891 a bordo do navio Esperança.

Uma importante informação é sobre o nascimento de E. Nelson: era sueco.

Era vendedor de Bíblias e aos domingos pregava o evangelho nos navios ingleses que ancoravam no porto de Belém. Trazendo em seu coração a coragem, a fibra e o amor que ardia em seu coração pelo povo brasileiro, aos 29 anos de idade varava mata adentro e fez dos rios da Amazônia a sua principal avenida para anunciar a mensagem dos batistas, através do navio “Luz da Amazônia” adquirido com muito esforço.

Como uma boa biografia, o biografado é apresentado com dificuldades para enaltecer suas façanhas como missionário. As peripécias de E. Nelson servem como combustível para fortalecer a igreja na sua condição de pioneira e, ao mesmo tempo, dar identidade ao grupo.

O início do seu trabalho foi árduo num período de doenças mortais como: a febre amarela, varíola, cólera e a fulminante perseguição do clero romano. Nada disso impediu que o “Apóstolo da Amazônia”, sob a égide do Espírito Santo, levantasse primeiramente no Pará o Estandarte batista e em seguida por toda a região amazônica. Nelson era solteiro quando chegou à capital paraense, mas deixara na América uma jovem sob compromisso de casamento. Chamava-se Ida Lundberg, jovem que esteve interessada na obra missionária na China e que aceitou o desafio do noivo de casar-se e juntos trabalharem como missionários no Brasil. Eurico Nelson e Ida se casaram em Belém em 07 de Janeiro de 1893.

Ao longo dos anos o evangelho foi difundido em toda a região amazônica e nossa igreja cresceu e se fortaleceu.

A Primeira Igreja Batista em Belém do Pará ignora as condições em que E. Nelson chegou à Belém. Ela não diz quais as razões que levaram o missionário a vir para Belém e não para o Rio de Janeiro, por exemplo. As circunstâncias sociais são descartadas e não se fazem necessárias por conta de ser um “mito fundante” onde as bravuras e a perseverança precisam ser valorizadas.

A Igreja Assembleia de Deus em Belém do Pará.²

Nossa História

A História da Assembleia de Deus em Belém tem origem no chamado de dois missionários suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren. Após receberem o batismo com o Espírito Santo – com evidência de falar em outras línguas – durante o avivamento em Los Angeles e Chicago no início do século 20, Deus os escolheu para juntos trazerem mensagem pentecostal para o Brasil.

Assim como a narrativa da Primeira Igreja Batista em Belém do Pará, a Igreja Assembleia de Deus em Belém reivindica o chamado dos missionários e confere uma informação importante: eles eram suecos. Diferente da apresentação da Igreja Batista, a Igreja Assembleia de Deus coloca os dois missionários dentro de um contexto histórico definido: o avivamento pentecostal em duas cidades importantes dos Estados Unidos, Los Angeles e Chicago. Assim como E. Nelson teve a *direção divina* e sua apresentação ignorou as circunstâncias da cidade de Belém, os dois missionários teve o mesmo direcionamento para virem ao Brasil.

O chamado aconteceu de forma sobrenatural: através de uma profecia, foi revelado que os dois deveriam ir ao Pará. Somente após procurar no mapa mundial os dois missionários tomaram conhecimento de que o local ficava no norte do Brasil. Em obediência à chamada divina, Daniel Berg e Gunnar Vingren chegaram a Belém no dia 19 de novembro de 1910.

A narrativa deixa bem claro que os dois missionários tiveram uma espécie de *chamado sobrenatural* e que não conheciam a cidade de Belém do Pará.

² Disponível em:

<http://www.adbelem.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=54>. Acesso em: 01 nov. 2013.

Além da barreira do idioma, os dois missionários sofreram com a falta de recursos financeiros, pois, além de serem pobres, não eram mantidos por nenhuma junta missionária. No início, Berg e Vingren participavam de cultos em igrejas protestantes cantando hinos em sueco. Quando passaram a entender o idioma local, iniciaram a testificar de Jesus, enfatizando a salvação, o batismo com o Espírito Santo, a cura divina e o uso dos dons espirituais.

A narrativa apresenta os dois como missionários com o propósito de trazerem a *mensagem pentecostal* ao Brasil. Mas não foi isso que eles fizeram assim que chegaram. Eles frequentavam “cultos em igrejas protestantes”. Na época havia em Belém a Igreja Batista e a Igreja Metodista e o próprio G. Vingren diz que um pastor metodista conhecido como Justus Nelson, sabendo que ele e D. Berg eram batistas encaminhou-os à Igreja Batista da cidade.

A doutrina pentecostal ministrada com a devida base bíblica foi assimilada por parte dos crentes, mas rejeitada por outros. Seis meses depois da chegada a Belém, Vingren foi convidado para dirigir um culto de oração e falou da necessidade de o crente ser revestido do poder do alto. A maioria dos presentes alegrou-se com a mensagem e outras reuniões de oração foram realizadas em casas de crentes que queriam o batismo no Espírito Santo como uma realidade em suas vidas. No alvorecer do dia 8 de junho de 1911, a irmã Celina Albuquerque, orando em sua casa, juntamente com outros irmãos, teve o privilégio de ser a primeira evangélica brasileira a receber o cumprimento da promessa, falando em línguas, tal qual os primitivos cristãos no dia de Pentecostes. No dia seguinte, a irmã Maria de Nazaré de Araújo foi também batizada com o Espírito Santo.

A evidência da mensagem pentecostal levou a direção da Igreja Batista a uma tomada de posição. Em uma reunião extraordinária, foi solicitado que todos os que estivessem de acordo com a nova doutrina se manifestassem. Para surpresa geral, dezenove irmãos — a maioria, portanto — levantaram-se. Uns porque já eram batizados com o Espírito Santo, e os outros, porque criam que poderiam receber a promessa. O grupo alinhado ao ensino pentecostal foi ilegalmente excluído pela minoria presente, delineando as bases do movimento pentecostal no solo brasileiro. Os irmãos desligados da Igreja Batista passaram a reunir-se em um salão na Rua Siqueira Mendes, 79, Cidade Velha, residência do irmão Henrique de Albuquerque. Como a glória do Senhor se manifestava naquele lugar, houve a necessidade de organizar o movimento. No dia 18 de junho de 1911, por deliberação unânime, foi fundada a

Missão da Fé Apostólica, posteriormente denominada de Assembleia de Deus. Supõe-se que o nome escolhido para a nova denominação esteja ligado às igrejas que na América do Norte professavam a mesma doutrina e foram denominados de Assembleia de Deus ou Igreja Pentecostal.

Estabelecida a Assembleia de Deus, os novos convertidos sentiram de imediato o impulso do Espírito Santo, saindo em busca das almas, seguindo os passos de Gunnar Vingren e Daniel Berg. Os resultados, testemunhados com salvação, batismo com o Espírito Santo e também com curas divinas, deram à igreja pentecostal a dimensão que hoje vemos. O rápido crescimento exigiu a consagração de pastores e norteou a expansão ministerial da nova igreja. Em Belém e aonde iam, aceitando a fé e comprovando a chamada divina, os obreiros separados saíam destemidamente anunciando a Palavra de Deus, sob a unção do Espírito Santo. O grande crescimento da obra levou os pastores consagrados a assumirem trabalhos em outras localidades e estados, ampliando as fronteiras da mensagem pentecostal no Brasil.

Atualmente o testemunho pentecostal da Igreja Assembleia de Deus está presente em todo o Brasil. Os templos e congregações da igreja são verdadeiras agências do Reino de Deus em qualquer cidade ou lugarejo desta nação, mesmo nos lugares de mais difícil acesso.

Através de um início simples, mas sob a bênção de Deus, a mensagem pentecostal chegou ao Brasil através de Belém do Pará, a "Casa do Pão" de todos os pentecostais brasileiros. Esta mensagem originada nos céus alcançou milhões de pessoas em todo o País, fazendo da Assembleia de Deus a maior igreja evangélica do Brasil, local onde Deus fez e continua a fazer coisas maravilhosas.

Nas duas apresentações os pioneiros são tomados como personagens ilibados e as suas dificuldades são acentuadas para favorecer o heroísmo e as condições de lutas e conflitos na tarefa missionária.

Passo agora a observar as condições que favoreceram tanto a chegada de E. Nelson como de G. Vingren e D. Berg. Não se sabe se eles se conheciam nos Estados Unidos, mas é bem possível que todos eles tenham pontos em comum a começar pela mesma nacionalidade, suecos, e os mesmos centros imigratórios de suecos nos Estados Unidos. Se eles não se conheciam lá, a afinidade no Brasil foi possível. Outra pergunta irá nortear esse trabalho será: o Pará – e Belém mais especificamente – era de fato desconhecido dos missionários?

2. A cidade de Belém do Pará: a *belle époque* da Amazônia

A cidade de Belém do Pará, na virada do século 19 para o 20, era a porta de entrada para a Amazônia. Principalmente pelo seu porto onde as mercadorias eram embarcadas para a Europa e Estados Unidos. Nessa época estava ocorrendo um avanço da Revolução Industrial e a demanda por borracha era fundamental, matéria-prima para diversos produtos industrializados. Com isso, a região amazônica ficou no centro das exportações desse produto (cf. COSTA & MELLO, 1999, p. 220) favorecendo o desenvolvimento econômico da região e, principalmente Belém do Pará.

Além disso, a cidade era bastante conhecida pela sua assimilação da cultura europeia, mas principalmente pela sua economia que teve um *boom* devido o conhecido “ciclo da borracha” que atraía muitas pessoas de dentro do país como também diversos estrangeiros. Segundo Ribeiro (2011, p. 2), Belém do Pará “tornou-se bastante conhecida no mercado internacional da borracha e nas casas de exportação, que mantinham os interessados neste produto em constante comunicação. A palavra *Pará* era já bem conhecida em Chicago, centro industrial da borracha nos Estados Unidos”. De acordo com essa informação, Belém era uma cidade em pleno desenvolvimento e conhecida nos Estados Unidos como uma cidade promissora economicamente que mantinha uma *elite social* bem abastada em termos culturais e uma política favorável à imigração.

Acrescenta-se a isso o pleno incentivo do governo brasileiro na política de imigração da época e Belém do Pará estava no centro desse processo imigratório tanto que o presidente da província autorizava a realização do embarque de imigrantes para o Pará constantemente (RIBEIRO, 2011, p. 3). Segundo Ribeiro, a “cidade recebia diariamente em seus portos, vapores trazendo estrangeiros e nordestinos, estes últimos fugindo da seca no Ceará na época ou incentivados à agricultura pelo poder público paraense, aliado ao ideário das terras abundantes, representadas na extração da borracha”.

A cidade de Belém, a partir do *surto da borracha* (1850-1920), teve um forte investimento em sua infraestrutura, modernizando a cidade com todos os recursos disponíveis para os padrões da época, principalmente tendo como modelo de desenvolvimento a cidade de Paris, na França, adquirindo, por conta disso, a internacionalização da cidade (cf. PAULA, 2010, p. 143).

É nesse contexto de *belle époque* da cidade que, provavelmente, os missionários E. Nelson, G. Vingren e D. Berg tomam conhecimento da cidade de Belém do Pará. Ocorre que

com a chegada deles a situação econômica da cidade não era a mesma e a constante ameaça de doenças tropicais era um fator preponderante na dinâmica populacional da cidade nortista. Mas o fato é que a cidade de Belém do Pará era, consideravelmente, conhecida pelos pioneiros das duas expressivas igrejas em terras amazônicas, ou seja, na cidade de origem dos missionários o nome *Belém do Pará* era conhecido por conta da sua economia borracheira.

Sendo assim, é improvável que os missionários suecos nunca tenham ouvido falar de Belém do Pará ou apenas *Pará*.

3. As coincidências de uma *direção divina*: a chegada dos missionários E. Nelson, G. Vingren e D. Berg e seus antecedentes

Antes de pensar a chegada dos missionários, é interessante entender os antecedentes do pentecostalismo nos Estados Unidos e sua *exportação* para o Brasil e principalmente para Belém do Pará.

Por lá, o pentecostalismo tem em W. Seymour – foi um discípulo de C. Parham onde ouviu suas pregações e ensinamentos no corredor da Escola Bíblica Betel em Topeka, porque sendo negro não era permitido participar das reuniões –, o líder de maior evidência quando este levou a doutrina pentecostal para Los Angeles e passou a fazer reuniões acaloradas num templo desativado da Igreja Metodista em 1906. Esse templo ficava na Rua Azusa Street, daí o movimento ser conhecido com o nome da referida rua. O nome que W. Seymour deu à sua nova igreja foi *Missão da Fé Apostólica*. Nesse centro pentecostal da cidade de Los Angeles, passaram diversos líderes que, influenciado pelo pregador pentecostal, expandiram a mensagem pentecostal para outros lugares tendo como exemplo W. Seymour. Entre esses diversos lugares aonde a mensagem pentecostal chegou, está a cidade de Chicago que se notabilizou como um grande centro da doutrina pentecostal no país e fora dele devido ao incentivo missionário.

Nessa efervescência pentecostal, os principais líderes do movimento se conhecem: W. Seymour, C. Parham e W. Durham. Este último foi pastor batista em Chicago e conheceu a doutrina de W. Seymour e levou para Chicago. Lá, ele se notabiliza como líder e também se opõe teologicamente a W. Seymour. Segundo Campos (2005, p. 112), é do círculo de W. Durham que saíram L. Francescon (fundador da Igreja Congregação Cristã no Brasil em 1910), G. Vingren e D. Berg. Esses três importantes personagens provavelmente se conheciam e eram próximos de W. Durham. Nessa mesma época a cidade de Chicago era um

referencial de imigração sueca, uma vez que a Suécia não era o país desenvolvido que é hoje. Havia uma pobreza muito intensa somando ainda a perseguição religiosa por parte da igreja oficial, a Igreja Luterana.

Outro fator de coincidência é a origem religiosa dos missionários ainda na Suécia.

E. Nelson (RIBEIRO, 2011, p. 1), nasceu na Suécia e foi batizado na Igreja Luterana. O primeiro contato dele com os batistas na Suécia resultaram no seu rebatismo por um colportor (vendedor de bíblias). Uma vez que a família de E. Nelson discordou da fé luterana e rompeu com a igreja oficial, esta igreja considerou os pais de E. Nelson como dissidentes do luteranismo ao organizar uma espécie de escola religiosa aos domingos para doutrinar outras pessoas. A recusa da família de E. Nelson em cumprir as obrigações religiosas da igreja oficial, aliada a situação econômica no país que não estava nos seu melhor momento, forçou-os a imigrar para os Estados Unidos em 1869 para o Estado do Kansas. Os dados biográficos de E. Nelson são insuficientes quando se trata de pesquisa de datas segundo Ribeiro (2011). Nesse Estado havia uma concentração de suecos, assim como Chicago. Aliás, é do Estado do Kansas o tio de G. Vingren, Carl Vingren (cf. PAULA, 2010, p. 134) onde o próprio G. Vingren também passou indo para Chicago com o propósito de estudar.

É nesse Estado também que a doutrina pentecostal de C. Parham, e sua escola na cidade de Topeka, está sendo disseminada. Outra informação importante sobre esse período de E. Nelson nos Estados Unidos – e seu possível conhecimento do movimento pentecostal naquele país – é nos dada por Pereira (2001, p. 102): “certo dia, lendo um jornal batista em língua sueca, publicado em Chicago, Nelson encontrou uma carta do missionário Bagby,³ na qual este falava do Brasil e de suas necessidades espirituais”. Esses dados demonstram que E. Nelson provavelmente conhecia o reduto sueco em Chicago e sabia da expansão pentecostal no país a partir daquela cidade. Além disso, E. Nelson conhecia o Brasil e provavelmente escolheu Belém do Pará por conta de ser conhecida como um centro da extração da borracha.

Sobre os três missionários, não é possível afirmar que eles se conheciam antes de Belém, mas há entre eles alguns aspectos em comum que permitem certa solidariedade. O país de origem, a Suécia, a própria língua que é por si só um fator de identidade, as cidades em comum por razões imigratórias.

³ William Buck Bagby, juntamente com Zachary Clay Taylor, foi missionário dos batistas no Brasil enviados pela Junta de Richmond.

Outro aspecto preponderante é o conhecimento da doutrina pentecostal que estava sendo propagada nos Estados Unidos e, provavelmente, E. Nelson estava acompanhando notícias e os dois missionários assembleianos estavam bem mais envolvidos com o pentecostalismo em Chicago.

Em relação aos fundadores da Missão da Fé Apostólica, eles têm algo em comum com E. Nelson. Ambos, G. Vingren e D. Berg têm seu passado na Igreja Batista da Suécia que crescia muito a despeito da perseguição religiosa que a igreja oficial, a Igreja Luterana, impunha pela força do Estado (cf. PAULA, 2010, p. 126). Todos eles imigraram, com suas famílias, para os Estados Unidos em busca de uma vida mais digna para suas famílias.

A chegada de E. Nelson ao Brasil se deu, conforme Pereira (2001, p. 102), por orientação divina. “Ele resolveu vir pela fé, sem nenhuma promessa de sustento por parte de qualquer organização. Desembarcou em Belém do Pará em novembro de 1891”. Pereira não pontua o fato de que Belém era uma cidade conhecida internacionalmente e sua *fama* se dava por conta da sua pujança econômica. Antes são ressaltadas as peripécias de E. Nelson como o *apóstolo da Amazônia*.

Em relação aos fundadores da Missão da Fé Apostólica, o processo de *direção divina* foi bem mais intenso e arrebatador. Os missionários receberam uma *revelação* para irem a um lugar de nome *Pará* (cf. PAULA, 2010, p. 140). Essa *direção divina* se deu na casa de um conhecido, Olaf Adolf Ulldin, que “profetizou” aos dois, G. Vingren e D. Berg, a ida para terras brasileiras. Esse relato é passado pelo filho de Olaf, Gideon Ulldin, que descreveu a revelação aos jovens missionários suecos. No relato de Gideon, o pai teve uma espécie de *arrebatamento profético* enquanto fazia um trabalho na cozinha e teve a revelação ao qual passou para os missionários. Relato que G. Vingren (cf. REILY, 2003, p. 436, nota 95) corrobora, mas D. Berg diz que Olaf Ulldin teve um sonho. Já L. Olsen assegura que a revelação foi proveniente de *língua estranha* onde se repetiu por diversas vezes a palavra *pará-pará-pará* onde os missionários entenderam de que deviam ir para algum lugar com esse nome.

Quanto à chegada dos missionários suecos ao Brasil é cercada de *provisão divina*. Embora alegassem que não conheciam Belém do Pará, P. Freston suspeita de que os missionários suecos provavelmente conheciam, por ouvir falar, o então pastor batista E. Nelson e a comunidade batista dos Estados Unidos, a essa altura, já tinha o conhecimento da

Igreja Batista em Belém do Pará (FRESTON, 1994, p. 81). Neste sentido, a *profecia* tinha uma sequência lógica muito bem definida.

Para acentuar a *direção divina* em detrimento do contexto social e econômico de Belém do Pará, Paula assegura que os relatos de revelação para vir à Belém são contraditórios. Para Paula, “os costumes do povo e as condições climáticas da região já fossem conhecidas pelos missionários. Desse modo, toda a sacralização acerca da vinda dos missionários para o Brasil, descritos nos relatos oficiais, torna-se contraditório” (2010, p. 142-143).

Uma vez na Primeira Igreja Batista em Belém do Pará, os missionários, seguindo Paula (2010, p. 145) relatam versões diferentes para o mesmo fato, por exemplo, sobre suas instalações na Igreja Batista que eles classificam como uma espécie de *porão* onde dormiam. Enquanto G. Vingren relata de que havia duas camas, D. Berg diz que havia apenas uma.

Considerações finais

Um dos destacados pesquisadores da Igreja Assembleias de Deus no Brasil é o cientista da religião G. Alencar. Em sua tese de doutorado, Alencar⁴ aplicou a teorização de M. Weber à estrutura da Igreja Assembleias de Deus. Segundo ele, a primeira fase, 1911-1946, se dá a partir do aspecto carismático, ou seja, os dois missionários suecos são tidos como “tipos ideais” da análise weberiana do personagem carismático. Os suecos detinham um *carisma* e isso favoreceu o agrupamento de pessoas em torno da mensagem pentecostal. Segundo M. Weber, citado por G. Alencar, “a dominação carismática em virtude de devoção afetiva à pessoa do senhor e seus dotes sobrenaturais (carisma)” favorecem o ajuntamento de pessoas em torno de um personagem carismático.

A mesma perspectiva que G. Alencar aplica à origem da Missão da Fé Apostólica é possível na implantação da Primeira Igreja Batista em Belém do Pará por E. Nelson. Em torno de personagens ilustres, a imagem deve ser guardada e sua memória atualizada como fator organizacional e de sentido histórico.

⁴ O que se segue é fruto de uma aula com o pesquisador na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) no dia 6 de novembro de 2013 a convite do prof. Dr. Leonildo Silveira Campos, em que ele apresentou os principais pontos da sua tese de doutorado defendida na PUC-SP.

Antes da reivindicação de *direção divina*, há elementos sociais que permeiam qualquer grupo de pessoas. Por mais que a *iluminação de Deus* seja o elemento fundante do grupo religioso, há um contexto social definido que favorece o surgimento do movimento.

No caso de ambas as igrejas em Belém do Pará não foram diferentes.

As coincidências na capital paraense são indícios de um prévio conhecimento da situação da própria cidade de Belém, bem como também da questão religiosa, no caso da Igreja Batista. Além disso, o fato de que os missionários, E. Nelson, G. Vingren e D. Berg serem de origem sueca não pode deixar dúvidas de que havia certa cumplicidade entre os compatriotas.

Embora ambas as igrejas reivindiquem a *direção divina* na chegada e implantação das igrejas, é possível perceber que os antecedentes dos missionários fundadores carregam certa coesão desde os Estados Unidos a partir de nomes e lugares comuns.

Por outro lado, a insistente tentativa de acentuar a providência divina na formação do grupo religioso é legítima. Ocorre que na apresentação de ambas as igrejas, apenas o aspecto da *direção divina* é valorizado e os demais fatores como o social, político e econômico, são ignorados com o propósito de assegurar a imagem de pessoas ímpolutas que passaram necessidades de diversas vertentes para deixar o legado vitorioso para os remanescentes.

Referências bibliográficas

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. *Revista USP*, São Paulo: USP, n.º 67, set./nov., 2005, p. 100-115. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/08-campos.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2009.

COSTA, Luís César Amad & MELLO, Leonel Itaussu A. *História do Brasil*. São Paulo: Scipione, 1999.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto (Org.). *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 67-159.

IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BELÉM. *Nossa História*. Disponível em: <http://www.adbelem.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=47&Itemid=54>. Acesso em: 01 nov. 2013.

PAULA, Wesley Américo Granado de. Semeando a palavra em terras distantes: os missionários pioneiros da Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil. In. OLIVA,

Alfredo dos Santos & BENATTE, Antônio Paulo (Orgs.). *100 anos de pentecostes: capítulos da história do pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2010, p. 125-161.

PEREIRA, J. Reis. *A história dos batistas no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO PARÁ. *Nossa História*. Disponível em: <<http://pibpa.org.br/conteudo-dp58?layout=item>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

REILY, Duncan Alexander. *História documental do protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003.

RIBEIRO, Ezilene Nogueira. Eurico Alfredo Nelson (1862-1939) e a inserção batista em Belém do Pará. *Revista Brasileira de História das Religiões*, Maringá, vol. III, n.º 9, jan., 2011, p. 1-9. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

WACH, Joachim. *Sociologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1990.